

CSP-ONLINE4 - ANO III

Sex, 14 de Junho de 2013 00:00



CARTA DE SÃO PAULO - ONLINE 4 - ANO III -



EDIÇÃO ESPECIAL

Casa das Rosas - Avenida Paulista

EDITORIAL



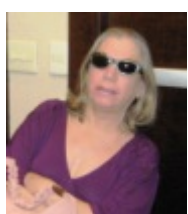
Recomeçamos! Mais um número da Carta de São Paulo online, uma Edição Especial, que dá início à série sob a gestão da nova Diretoria da EbpSp, composta por Maria Helena Barbosa, como Diretora Secretária-Tesoureira; Cássia Maria Rumenos Guardado, como Diretora de Intercâmbio e Carteis; Cynthia de Freitas Farias, como Diretora de Biblioteca e eu, Marizilda Paulino, como Diretora Geral.

Para o período de nossa diretoria (2013-2015) priorizamos seguir o que Lacan propôs ao fundar sua Escola, como sendo um lugar de formação de analistas dispostos a se dedicar à causa analítica e ao seu ensino.

Pretendemos atingir esse objetivo desenvolvendo diversas atividades que marcam o trabalho de Escola e fortalecem o Uno da Seção São Paulo. Assim, teremos algumas Noites dedicadas ao Seminário da Orientação Lacaniana, outras ao trabalho de Cartel, outras ainda com debates promovidos pela Diretoria de Biblioteca, e também o Ensino do Passe será privilegiado.

Como orientação geral para esse trabalho, pensamos, fundamentalmente, seguir o eixo apontado por Miller - tema para o Congresso da AMP de 2014 em Paris – “Uma grande desordem no real no século XXI”, ou seja, de que real se trata no século XXI?

Outro eixo orientador para esse ano é o tema abordado pelo VI Enapol – VI Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana, que acontecerá em Buenos Aires em novembro de 2013: “Falar com o corpo: a crise das normas e a agitação do real”.



Nas Noites do Seminário da Orientação Lacaniana discutiremos textos que abordem o real, tendo como principal, o texto de Jacques-Alain Miller, publicado na Opção Lacaniana, n. 63, O real no século XXI.

Para nos preparar para o Enapol, Sergio Laia, nosso colega da EBP-MG e um dos organizadores do evento, estará conosco no dia 14 de agosto de 2013 para instigar a discussão do tema e a realização de trabalhos.

Na abertura das atividades de nossa gestão, em 8 de maio de 2013, tivemos a presença de Pascale Fari, psicanalista, membro da Escola da Causa Freudiana e da AMP, que apresentou o texto: O corpo afetado, que põe em marcha a discussão para o Enapol e para o Congresso da AMP de 2014.

Nessa Edição Especial da Carta de São Paulo, oferecemos a você, nosso leitor, o texto traduzido de Pascale Fari.

Indicamos, por meio de links que podem ser acessados pela Internet, o site do Enapol e os textos de Jacques-Alain Miller, Eric Laurent e Sergio Laia que colocam em questão o tema do corpo e do real no século XXI.

<http://www.enapol.com/pt/template.php>

<http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Argumento/Conclusion-de-PIPOL-V-Jacques-Alain-Miller.html>

<http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Argumento/Hablar-con-el-propio-sintoma-Eric-Laurent.html>

<http://www.enapol.com/pt/template.php?file=Textos/Hablar-con-el-cuerpo-un-soliloquio-y-la-experiencia-analitica-Sergio-Laia.html>



Marizilda Paulino

maio 2013.

O CORPO AFETADO

Pascale Fari

Em carne e osso

O ser humano, dizemos, é um ser dotado de fala. Ora, “o ser” é tão inalcançável quanto o significante. Na ordem simbólica existem apenas diferenças, a significação corre de um significante a outro e o sujeito nunca está em lugar algum. Sem domicílio fixo, o sujeito do significante é inconsistente por natureza. Pode-se demonstrar tudo e seu contrário – com a única condição de falar por muito tempo, como Jacques Lacan gostava de lembrar.

Não existe fala sem um corpo que a emita, ou, mais precisamente, que a produza. É o corpo instrumento, médium, vetor, mas sobretudo encarnação da fala: “*O homem fala com seu corpo*”. Três anos após introduzir esta fórmula em seu Seminário **Mais, ainda** (1), Lacan a retoma em junho de 1975, em sua conferência “**Joyce o Sintoma**”: o homem “*fala com seu corpo; dizendo de outra forma, [ele] falasse por natureza*” (2). Podemos falar com os pés, como dizemos em francês, ou ainda com as rugas da testa, como os ouriços caros a Lacan: mas o corpo está sempre em jogo. Fala-se com o corpo, em carne e osso. Esta expressão que se emprega tanto em francês quanto em português reenvia à presença física, efetiva, real de alguém. À presença e à animação de corpos.

Falar com seu corpo, o tema escolhido para o próximo Encontro ENAPOL nos convida assim a ler nossa clínica com o ultimíssimo ensino de Lacan. Sensível à maneira pela qual J.-A. Miller, durante o encerramento do Encontro PIPOL V (3) fez vibrar os termos deste convite eu escolhi “**o corpo afetado**” como título e como tema desta intervenção.

“Afetar” tem mais de um sentido em francês: adotar, tomar forma; produzir um efeito (frequentemente doloroso) sobre alguém ou alguma coisa de maneira a determinar uma ação ou uma modificação; atribuir, conceder. “Ser afetado” é ser tocado, estremecido por um mal-estar físico ou ainda, um acontecimento infeliz ou desagradável; “afetado” se emprega também a propósito de uma quantidade que é afetada de um signo, de um coeficiente. “Afetar” comporta a noção de uma modificação, de um efeito físico, de uma Wirklichkeit mais ou menos durável.

O afeto, propriedade essencial do corpo vivo

Este é precisamente o caso do corpo do ser falante: a experiência analítica nos ensina como ele toma forma a partir de um encontro, de um acontecimento de fala, que o terá tocado. “O corpo, ele deveria deslumbrá-los” (4) mais, assinala Lacan em **Mais, ainda**. Como é possível que as lágrimas sejam necessárias para o funcionamento do olho? Aí está o que pode ser atribuído ao que Lacan designa como “*os milagres do corpo*”. Um “*coelho cego no meio de uma estrada*” é “*humano a ponto de ser trágico*” (5) já notava ele vinte anos antes. O poder de ser afetado é uma propriedade essencial do corpo humano. Nós choramingamos quando pisam em nosso pé, ainda ressalta Lacan. É esta paixão, esta palpitação da carne, esta substância gozante que nos dá uma ideia do que é um ser vivo.

Durante uma apresentação de pacientes, uma jovem mulher descreveu o vazio que se instalou nela: “*a voz interior que estruturava meu pensamento, se calou. É o vazio*”.

A estrutura formal de seu pensamento está intacta e ela se surpreende de poder organizar seu relato, com precisão cirúrgica, mas sem estar ali, sem nenhuma emoção, como se tudo aquilo que falava se lhe tivesse tornado desconhecido. Exatamente isto lhe é insuportável; as palavras perderam o poder de afetar seu corpo, e ela perdeu de algum modo sua substância, como se ela fosse esvaziada de seu interior. Esta jovem mulher nos dá um quadro impressionante do nada no qual mergulhou desde que o palavreado não está mais enodado ao corpo.



Pois é pelas palavras que somos afetados. Desde o Seminário IV, Lacan nota que o pequeno homem se alimenta tanto de falas como de palavras e que “*perece de palavras*” (6). Quase vinte anos depois do texto fundador de seu ensino, “**Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**”, Lacan zomba dos seus primeiros amores, ironizando a ficção e o canto da fala e da linguagem (7), mas para martelar: “*Lalíngua nos afeta primeiro por tudo aquilo que contém como efeitos que são afetos*.” (8) As palavras nos fazem rir e chorar, nos fazem fazer amor e guerra – tudo isso no corpo, em carne e osso.

O corpo acidentado pela fala

Em seu artigo “**Biologia lacaniana e acontecimento de corpo**”, J.-A. Miller nos oferece um comentário magistral desta “afetação essencial, que é a afetação marcante da língua sobre o corpo”: “*o significante não tem apenas efeito de significado, mas [ele] tem*

efeito no corpo. É preciso dar a esse termo de afeto toda a sua generalidade. Trata-se daquilo que vem perturbar, fazer marca no corpo. [...] Quando se trata de efeito[s] durável[eis], de efeito[s] permanente[s], podemos corretamente chamá-los de marcas” (9). Essas marcas permanentes, indelévels, que marcam um antes e um depois – onde o “depois” nunca mais será parecido com o “antes” –, são o que chamamos um “acontecimento de corpo”. Tais marcas vieram afetar, perturbar duravelmente o corpo e a rotina de seu funcionamento; elas fazem sintoma. Essa é uma das últimas definições do sintoma que Lacan nos legou: o sintoma como acontecimento de corpo (10).



É através do sintoma que a psicanálise apreende o impacto do simbólico sobre o corpo (11). Seguir o sintoma à risca é dar uma chance de delimitar o que fez trauma e como o sujeito respondeu a isso. Reciprocamente, apreender mais de perto o que afeta o corpo, é contribuir com a formatação do sintoma no tratamento.

Como destaca J.-A. Miller, o termo “acontecimento de corpo” é uma “condensação. Na realidade, trata-se sempre de acontecimentos de discurso que deixaram marcas no corpo” (12).

Assim, um tratamento pretende nomear os acontecimentos que fizeram trauma, marcar os significantes que cortaram nossa carne deixando nela sua impressão indelével. São essas palavras que nos atribuíram um corpo, um corpo de desejo e de gozo, a partir do desarranjo disforme da vida, em uma massa linguageira de outro modo indiferente. Não é o corpo de todo mundo, é cada um com o seu, problemático, com sua geografia bizarra, suas mensagens estranhas, seus hieróglifos: sua forma única é sua deformação singular, essencialmente original.

Delimitar os significantes-mestres que modelaram nosso corpo, liberar o tecido significativo no qual ele foi tramado é dar-se uma chance de “desfazer pela fala o que foi feito pela fala” (13). O analisante poderá empurrar o limite do indecifrável até desnudar um núcleo inerte, refratário a qualquer transformação. Mas, antes de extrair esse osso irredutível do sintoma, será necessário a ele depurar muitas cadeias significantes e decifrar muitas formações do inconsciente.

A fala afetada

Múltiplas di-mensões são sobrepostas no discurso do sujeito. E tomar a palavra dá lugar a uma diversidade de sintomas: a garganta seca, o estômago embrulha, o coração que bate, a voz que se extingue, a articulação gaguejante... cada um poderá estabelecer sua própria lista de acordo com seu sintoma. Dizer que o falasser tem um corpo, “é poder fazer alguma coisa com” (14) indica Lacan ainda nesta conferência sobre “**Joyce o Sintoma**”. Ora, prossegue, dizer que alguma coisa é possível é, antes de tudo, assinalar que essa alguma coisa “possa não ‘acontecer’”.

Tomar a palavra em público, por exemplo, como mostrou J.-A. Miller, é “sustentar uma dupla falicização” (15): é suportar “encarnar, de um lado o Φ , [...] o emblema do gozo no corpo ereto”, e, de outro lado, suportar ser, ainda que seja um pouco, o objeto do desejo do Outro. Isto implica passar por certa regulação do objeto pela castração (ponto de apoio para o discurso mais do que uma ameaça imaginária assustadora).

Tal paciente vive muito penosamente o fato de ter que tomar regularmente a palavra em público no seu ambiente de trabalho. Articular alguma coisa de sua vergonha e de seu gozo de ser “o objeto exclusivo do amor de [seu] pai” aliviará sua inibição e permitirá a ele tomar a palavra, estando exposto ao olhar dos seus superiores.

De fato, falar necessita de equipamentos muito complexos, os quais podem sofrer todas as formas de transformação. Os autistas, reputados por não falarem, nos lembram bem disso.

«Falar, um acontecimento de corpo»

Em seu livro sobre o autismo, empenhando-se em retrazar e elucidar passo a passo, as condições de possibilidade de emergência da fala, É. Laurent diz que falar é um acontecimento de corpo (16). Aí está porque isso nos afeta tanto, “falar não é um ato cognitivo, é uma extração do real”. Falar é extrair alguma coisa do corpo, é consentir em uma primeira separação. A fala é emissão, impulsão – em francês, empregamos, por exemplo, a expressão “tenir le crachoir” (segurar a escarradeira) como sinônimo de falar: a fórmula ilustra bem essa emissão concreta em que consiste o ato de falar, como produção, projeção fora do corpo de um objeto que, assim que é produzido, se transforma em dejetos. Babar, falar cuspiendo... – a fala pode se reduzir a “este tipo de respingamento” (17).

A este propósito É. Laurent nota: “Falar não consiste apenas em produzir sentido. Falar consiste também em produzir o objeto pulsional” (18). Schreber nos lembra como a enunciação se realiza tendo o grito como pano de fundo. A fala sempre guarda seu lado de “milagre do urro”, já que o próprio grito só pode se deprender tendo o silêncio, a ausência, como pano de fundo. Falamos para tentar esquecer que gritamos no vazio. Neste sentido, falar é sempre efetuar um salto no desconhecido.

Nesta perspectiva, a fala é sobretudo um “solilóquio” (19), Sérgio Laia desdobra esta ideia em seu texto preparatório para o encontro do ENAPOL. A satisfação que Lacan isolava como própria à fala é um “monólogo autista”, um puro “gozo do blá-blá-blá”; J.-A. Miller ressaltava que ela não é um querer-dizer, mas um querer-gozar (20) que funciona em círculo, em um circuito fechado para sua própria satisfação, mesmo que esta satisfação seja bastante desconfortável. Uma análise lacaniana, propõe Sérgio Laia, permite que esse solilóquio privado se atenua.

Falar, é atualizar o traumatismo da língua.

Nosso corpo foi então amassado, moldado, deformado, atingido, recortado pelo encontro com a língua que falou de nós, com a língua que nos falou... Esse encontro imemorial, mítico, é o traumatismo constitutivo da subjetividade. Essa encarnação são fixações de gozo, pedaços de real que escapam à articulação significativa e à mortificação simbólica. Portanto, essas marcas de gozo indexam uma positividade que não se elimina, que nunca retorna a zero – exceto com a morte, caso em que não há mais ninguém para experimentá-la ou, ao menos, para dizê-la. Nesse sentido, “falar é também consentir em se fazer atravessar por um gozo que excede o circuito pulsional. É um gozo que ressoa no corpo sem poder encontrar uma borda nas zonas pulsionais” (21), sem colidir sobre uma moterialité (22) que poderia lhe dar essa borda, sem representação em uma cadeia significativa.

O corpo então “não fala, ele goza em silêncio. [...] Mas é com seu corpo que se fala, a partir desse gozo de uma vez por todas fixado”. J.-A. Miller sublinha que “a carne exclui o mental ao mesmo tempo que o condiciona, o assusta e o desvia. Esse “falar com seu corpo”, cada sintoma, cada acontecimento de corpo o traduz, o trai” (23).

Digamos de outro modo: a cada vez que tomamos a palavra, atualizamos esse traumatismo primeiro que foi nosso encontro com a língua. Nós podemos, eu penso, generalizar aqui uma afirmação de Lacan, a propósito do sujeito psicótico, no Seminário III: ele “fala de alguma coisa que lhe falou” (24). Não é isso que cada um de nós não cessa de fazer – falar de alguma coisa que nos falou? Falar é tentar acomodar um espaço para seu dizer na reiteração sem fim dessas marcas que a língua deixou em nós. Não paramos de comemorar esse gozo e de tentar nos arrancar a sua força de inércia. Neste sentido, cada tomada de palavra é uma tentativa de exorcizar esse feitiço que toma o corpo. O esforço, porém, é vão, já que esse feitiço é nossa própria carne. O acontecimento de corpo inaugural, que está na raiz da subjetividade, não cessa de se repetir, de se reiterar a cada vez que falamos.

Certo analisante, antes mesmo de sua vinda ao mundo, fora um peso muito grande para sua mãe grávida carregar. Mal tinha nascido, seus gritos contínuos eram também insuportáveis. “Você berrava durante horas, tudo o que eu queria era que isso parasse”, era o que a mãe lhe contava da infância. A devastação da relação mãe-filha tomara então a via de um deixar cair precoce e radical. Esta paciente permanecia fixada em sua demanda, que era ao mesmo tempo muda – como uma tumba –, e barulhenta – como um urro no vazio. Era esse grito mudo que, sem saber, ela não cessava de fazer ouvir ao falar. Falar a confrontava sempre com o gozo de não ser ouvida; ela tentava se defender disso, ainda que o repetisse.

Cada vez que tomamos a palavra é um acontecimento de corpo que revela sem que saibamos nossa relação íntima com a língua, a maneira como nós tentamos aí nos alojar, quais artifícios nos permitem habitá-la. Falar é também expor o objeto que nós somos, esse resíduo não eliminável que nos deporta para fora de todo

laço social. Como o Sr. Jourdain na em O Burguês Fidalgo, de Molière, que proseava sem saber que nós sempre dizemos mais do que nós pensamos dizer. Lacan estimava que aí se situava “o osso de seu ensino” : “*eu falo sem saber. Falo com meu corpo, e isto sem saber. Digo, portanto, sempre mais do que sei*” (25).

O afeto não fala, mas constitui signo (26)

Este corpo afetado, outorgado pela linguagem, ele não “fala”. No entanto, pode constituir signo de um gozo, de um incômodo, da maneira pela qual é afetado pela língua e pela fala. O gozo se repete, precisamente porque não fala. Isso não fala, mas isso constitui signo, na enunciação que tropeça, na voz que vacila, na emoção que nos agarra sem prevenir; ou, ainda, o sujeito se espanta de não saber como descrever ou nomear tal sensação corporal que, no entanto, lhe é tão familiar. Às vezes, estes signos se delimitam a partir do próprio movimento do tratamento: as palavras não conseguem mais se engancharem em um real e desviar a inércia do gozo, ficam sem alcance, etc.

“O signo [...] é sempre correlato a uma presença, enquanto o significante é articulação” (27) que corresponde mais a uma ausência, a uma falta-a-ser. Como sublinha J.-A. Miller, Lacan refere o signo “à presença de um ser” –, em “**Radiofonia**”, por exemplo, partindo do adágio “não há fumaça sem fogo” ele considera a fumaça como o signo do fumante. O sujeito do significante, sujeito de lógica pura, “*se mantém perfeitamente fora do corpo, fora da vida*”. Mas, na “*psicanálise, está fora de questão reduzir o psicanalisante ao sujeito do significante [...]. Há também alguém, [...] o indivíduo afetado do inconsciente*”, o indivíduo afetado de língua. Alguma coisa constitui signo, insiste, sem encontrar nomeação. É apreendendo aquilo que do real constitui signo que é possível delimitar algo desse gozo em uma análise, de apanhar um pedaço, e isto desde o início do tratamento...

Assim, esse sujeito obsessivo, que fala muitíssimo bem, dedica-se em um primeiro momento a se fazer de “bom analisante”; o tratamento patina. Este poderá começar se enganchando em um certo real a partir do momento em que o analista se coloca como destinatário dos momentos onde, seu corpo à contragosto esboça o sujeito que balbucia, gagueja, se emociona. Após ter articulado sua angústia do “vazio”, ele começará a desembaralhar, a desembaraçar os múltiplos componentes de sua relação com a fala – a compulsão a se reter, o medo de matar o pai com palavras violentas que ele não suportaria, a tendência a se embriagar de palavras e a aborrecer os outros com sua fala.

Fisgar pedaços de real

O último ensino de Lacan nos convida, pois, a certa reabilitação do signo: o analista deve prestar atenção ao que afeta o corpo e o dizer do sujeito – e, de maneira mais ampla, a tudo que impede a “progressão”, a elaboração significante –, já que é frequentemente neste ponto que situamos o signo de um real que trabalha em silêncio, à espera de poder ser nomeado, interpretado. Lacan sublinha fortemente este ponto em “**Radiofonia**”: “Como psicanalista, é pelo signo que sou alertado” – não sem colocar os pontos nos is: “*a pretexto de eu haver definido o significante como ninguém ousou fazê-lo, não se vá imaginar que o signo não seja assunto meu! Muito pelo contrário, é o primeiro e será também o último. Mas, acrescenta Lacan, para isso fez-se necessário este desvio*” (28), o desvio da interpretação significante.

Já que estamos aqui em terreno escorregadio, é necessário prudência: o tratamento não é um deciframento de signos. O signo discreto localizado pelo analista e do qual ele tenta se fazer destinatário não saberia, em um tratamento, encontrar outra forma que não fosse o significante. É como “*intrusão de significante*” (29) que a interpretação opera.

Assim, a transferência é uma marca significante, um arpão com o qual se espera fisgar um pedaço desse real que escapa à simbolização. Para isso, é necessária a presença dos corpos: a clínica analítica é uma clínica sob transferência, e ninguém pode ser morto em sua ausência ou em efígie (30).

Tradução: André Antunes da Costa,

Camila Popadiuk

Revisão: Cynthia Freitas Farias

Revisão Geral : Marizilda Paulino

NOTAS

- (1) Lacan, J. Seminário, Livro 20, Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 161.
- (2) Lacan J., «Joyce le Symptôme», Autres écrits, Paris, Seuil, 2001, p. 566.
- (3) Miller J.-A., « Conclusão do PIPOL V », no site do ENAPOL VI (<http://www.enapol.com/es/template.php>). Publicado com o título « Parler avec son corps », em Mental, no 27-28, setembro 2012, p. 127-133.
- (4) Cf. Lacan J., Le Séminaire, livre XX, Encore, Paris, Seuil, 1975, p. 99. Cf. também p. 26.
- (5) Lacan J., « Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise », Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 282, nota 34.
- (6) Cf. Lacan J., Le Séminaire, livre IV, La Relation d’objet, texto estabelecido por J.-A. Miller, Paris, Seuil, 1994, p. 189.
- (7) Cf. Lacan J., «L’étourdit», Autres écrits, op. cit., p. 461.
- (8) Cf. Lacan J., Le Séminaire, livre XX, Encore, op. cit., p. 127.
- (9) Miller J.-A., «Biologie lacanienne et événement de corps», La Cause freudienne, no 44, fevereiro de 2000, p.7-59. Esta conferência incontornável é uma retomada detalhada sobre o corpo tal qual nós podemos concebê-lo na perspectiva psicanalítica. J.-A. Miller situa aí a mudança de paradigma do último ensino de Lacan: onde o significante não é somente o que faz ponto de basta ao gozo, é também o que o causa.
- (10) Cf. Lacan J., «Joyce le Symptôme», op. cit., p. 569.
- (11) Cf. Laurent É., « Falar com seu sintoma, falar com seu corpo », argumento publicado no site ENAPOL VI (<http://www.enapol.com/es/template.php>).
- (12) Miller J.-A., «Biologie lacanienne et événement de corps», op. cit.
- (13) Lacan J., Le Séminaire, livre XXV, «Le moment de conclure», lição do 15 de novembro de 1977, Ornicar ?, n° 19, outono de 1979, p. 6.
- (14) Lacan J., «Joyce le Symptôme», op. cit., p. 566.
- (15) Miller J.-A., «Conférence au Teatro Coliseo, à Buenos Aires, le 26 avril 2008», La Cause freudienne, dezembro de 2008, no 70. p. 94-110
- (16) Cf. Laurent É., La Bataille de l’autisme, Paris, Navarin / Champ freudien, 2012, p. 14 & 96, principalmente.

- (17) Lacan J., Le Séminaire, livre XXV, « Le moment de conclure », op. cit., p. 5.
- (18) Laurent É., «Au-delà de La Bataille, la réson du sinthome», La Lettre mensuelle de l'ECF, no 316, abril de 2013, p. 17.
- (19) Cf. Laia S., «Falar com o corpo, um solilóquio e a experiência analítica», no site do VI e Encontro ENAPOL (<http://www.enapol.com/es/template.php>).
- (20) Cf. Miller J.-A.: «L'orientation lacanienne. L'Être et l'Un», ensino pronunciado no departamento de psicanálise da Universidade de Paris VIII, 2006-2007, inédito & «O monólogo da aporola», Opção lacaniana online , no 9 (www.opcaolacanianana.com.br)
- (21).Laurent É., «Au-delà de La Bataille, la réson du sinthome», op.cit. p. 17
- (22) N.T. Neologismo lacaniano que condensa duas palavras em francês: mot / palavra; matérialité / materialidade.
- (23).Miller J.-A., «Conclusión de PIPOL V», op. cit.
- (24).Lacan J., O Seminário, livro 3, As Psicoses, texto estabelecido por J.-A. Miller, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 52.
- (25) Lacan J., Seminário, livro 20, Mais ainda, op. cit., p. 161. Cf. também o texto de Miquel Bassols, « Falar com o corpo, sem saber », no site do ENAPOL VI (<http://www.enapol.com/es/template.php>)
- (26) N.T. Em francês, “fait signe”. A escolha da tradução se justifica pela seguinte nota encontrada na página 401 dos Outros Escritos: “A tradução mais imediata da locução faire signe, que será abundantemente utilizada por Lacan neste texto [Radiofonia], seria sinalizar ou dar sinal. Privilegiaremos, no entanto, sua forma mais literal pela retomada que faz Lacan aqui do signo saussuriano (menos substantivado e mais flexionado)”.
- (27) Miller J.-A., «Biologie lacanienne et événement de corps», op. cit. Cf. também Lacan J., «Radiophonie», Autres écrits, op. cit., p. 414 & sq.
- (28) Lacan J., « Radiofonia », Outros Escritos, op. cit., p. 410.
- (29) Lacan J., « Radiophonie », Autres Ecrits, op. cit., p. 413.
- (30) Cf. Miller J.-A., « C.S.T. », in: Clínica Lacaniana – casos clínicos do campo freudiano IRMA. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1989. & Freud S. « La dynamique du transfert », La Technique psychanalytique, Paris, PUF, 1953, p. 60.

ENSINO DE LACAN



"Deixemos o sintoma no que ele é: um evento corporal..."

Jacques Lacan. *Joyce, o Sintoma*

Editora: Bernadette Pitteri -

Revisora: Daniela Affonso

Diretoria da EBP- SP

Diretora Geral:
Marizilda Paulino
Diretora Secretária- Tesoureira:
Maria Helena Barbosa
Diretora de Intercâmbio e Cartéis:
Cássia Maria Rumenos Guardado
Diretora de Biblioteca:
Cynthia de Freitas Farias

EBP-SP

Rua João Moura, 627 cj. 193
CEP 05412-001 - São Paulo - SP
Telefone: 11 3081 8947
Fax: 11 3063 1626
e-mail: ebpsp@ebpsp.org.br
www.ebpsp.org.br
Blog: <http://www.ebpsp.wordpress.com>

